

# SER PROFESSOR: VISÕES DE ALUNOS E PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

*Being a Teacher: Visions of Students and Teachers of the  
Early Years of Elementary School*

*Ser profesor: visiones de alumnos e de profesores  
de los primeros años de la escuela primaria*

REGINA MARIA SIMÕES PUCCINELLI TANCREDI  
Universidade Presbiteriana Mackenzie  
retancredi@gmail.com

Doutora em Educação pela Universidade Federal de  
São Carlos; professora PPI da Universidade Presbiteriana Mackenzie

ADRIANA TORQUATO RESENDE  
Universidade Presbiteriana Mackenzie  
adri.tor27@hotmail.com

Pedagoga, mestre em Teologia e mestre em Educação,  
Arte e História da Cultura, doutoranda em  
Educação, Arte e História da Cultura

**RESUMO** O objetivo deste artigo é relatar alguns resultados de uma pesquisa realizada em uma escola pública nos anos iniciais do ensino fundamental. A pesquisa propôs-se a analisar as opiniões de alunos do 5º ano e de professores da mesma escola sobre o ser professor e sobre as características de um bom professor. Para a coleta de dados foram utilizados vários procedimentos, como entrevistas com alunos e professores com base em um roteiro semiestruturado, desenhos dos alunos e gravação em vídeo de um programa simulado de entrevista. O referencial teórico pautou-se, predominantemente, em autores que estudam o papel do professor, professores bem-sucedidos e aprendizagem da docência. Com base nos dados coletados, em consonância com a literatura pesquisada, concluiu-se que a imagem de professores revelada pelas crianças é a de alguém que ensina e os bons professores são os que mantêm bons relacionamentos com os alunos e preocupam-se com suas aprendizagens. Para os professores, a docência é uma ocupação complexa, sendo necessário gostar da profissão; destacaram que bons professores têm necessidade de se especializar, preparar aulas e promover a aprendizagem dos conteúdos propostos.

**PALAVRAS-CHAVE:** PAPEL DO PROFESSOR; PROFESSORES BEM-SUCEDIDOS; PRÁTICAS PEDAGÓGICAS; OPINIÕES DE ALUNOS E PROFESSORES.

**ABSTRACT** The objective of this paper is to report some results of a study conducted in a public school in the early years of elementary school. The research aimed to analyze the opinions of 5th graders and schoolteachers about being a teacher and on the characteristics of a good teacher. For data collection various procedures were used, such as interviews with students and teachers based on a semi-structured script, drawings of students and a video recording of a simulated interview program. The theoretical framework was formed predominantly of authors who study the teacher's role, successful teachers and teachers' learning. In line with the literature and based on the collected data, we reached the conclusion that the teachers' image revealed by the children is one who teaches and the good teachers are those who maintain good relationships with students and care about their learning. For teachers, teaching is a complex occupation, being necessary to like the profession; they also emphasize that good teachers need to specialize, prepare lessons, and promote the learning of proposed contents.

**KEYWORDS:** TEACHER'S ROLE; SUCCESSFUL TEACHERS; EDUCATIONAL PRACTICES; OPINIONS OF STUDENTS AND TEACHERS.

**RESUMEN** El objetivo de este trabajo es reportar algunos resultados de un estudio llevado a cabo en una escuela pública en los primeros años de la escuela primaria. La investigación tuvo como objetivo analizar las opiniones de los alumnos de quinto grado y profesores de la escuela acerca de ser un maestro y de las características de un buen maestro. Para la recolección de datos se utilizaron diversos procedimientos, tales como entrevistas semiestructuradas con estudiantes y maestros, dibujos y grabación de vídeo de una simulación de un programa de entrevista. El marco teórico fue guiado predominantemente por autores que estudian el papel del profesor, profesores exitosos y enseñanza-aprendizaje. Sobre la base de los datos recogidos, en línea con la literatura, se concluyó que la imagen de maestro revelada por los niños es aquel que enseña y los buenos maestros son aquellos que mantienen buenas relaciones con los estudiantes y se preocupan con su aprendizaje. Para los profesores, la enseñanza es una profesión compleja, siendo necesario amar la profesión; destacaron que los buenos profesores tienen que especializarse, preparar lecciones y promover el aprendizaje de los contenidos propuestos.

**PALABRAS CLAVE:** PAPEL DE LOS MAESTROS; MAESTROS EXITOSOS; PRÁCTICAS PEDAGÓGICAS; OPINIONES DE LOS ESTUDIANTES Y PROFESORES.

## INTRODUÇÃO

Apresentamos neste texto alguns dados de uma investigação desenvolvida em uma escola municipal localizada em uma cidade da Grande São Paulo, junto a alunos de um 5º ano do ensino fundamental e professores da mesma escola.

A pesquisa teve como primeiro objetivo analisar visões<sup>1</sup> de alunos sobre o *ser professor e ser bom professor*, tendo como foco principal o que eles revelam sobre suas

<sup>1</sup> Neste texto, usamos indiferentemente as palavras/conceitos visões, opiniões, imagens de alunos e professores.

ações em sala de aula e qual sentido atribuem a elas. No decorrer da pesquisa, sentimos a necessidade de verificar quais eram as opiniões dos professores sobre os mesmos temas e, então, eles foram incluídos como participantes. Consideramos importante conhecer essas visões, tendo em vista a possibilidade de serem disparadoras de reflexão de escolas e professores sobre imagens que podem influenciar tanto o ensino como a aprendizagem. Esse conhecimento, por outro lado, pode favorecer a formação inicial e continuada de professores por constituírem-se em retratos da realidade, ainda que delimitem um contexto específico.

## A PESQUISA

Participaram da pesquisa 19 alunos de uma mesma classe de 5º ano do ensino fundamental e sete professores da mesma escola, entre eles a professora responsável pela turma. A classe foi indicada pela equipe gestora da escola e a pesquisa com os alunos contou com a anuência da professora da classe e de seus pais.

A escola pesquisada foi escolhida por ser pública e considerada uma escola modelo na região. De acordo com os dados do *site* oficial da escola, a nota no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) da escola (5,7), no ano de realização da pesquisa, foi superior às obtidas pelas outras escolas da região. Os resultados da Prova Brasil também foram superiores aos de outras escolas da cidade, ainda que por diferença mínima: dos 297 alunos da escola, 49% apresentaram aprendizado adequado, enquanto que, nas demais, o percentual foi de, no máximo, 48%.

Em relação às características de atendimento, em 2012, quando foi realizada a pesquisa, a escola oferecia 9 classes de 1º ano; 10 classes de 2º ano; 8 classes de 3º ano; 2 classes de 4º ano; 7 classes de 5º ano; 4 classes de EJA (Educação de Jovens e Adultos); 1 classe de Educação Especial para DA (Deficiente Auditivo). No ano de 2012 a escola atendeu 1229 alunos, sendo a maioria de classe média baixa.

Quanto às características do espaço físico, trata-se de uma escola ampla, e estava em bom estado de conservação na época, contando com 18 salas de aula, sendo que todas estavam ocupadas, quadra poliesportiva, pátio e parque infantil. Estavam em funcionamento a sala de informática, a sala de artes, a biblioteca, a brinquedoteca e a sala de vídeo.

A questão central da pesquisa foi: “o que é ser professor na visão de alunos e professores?”. As informações foram coletadas por meio de entrevistas semiestruturadas com alunos e professores, baseadas em roteiro prévio; com os alunos, foram utilizados desenhos, conversas informais e a simulação de um programa televisivo de entrevista (do qual foi feita uma filmagem). O referencial teórico foi desenvolvido com base em autores como Arroyo, Garcia, Shulman, Nóvoa, Sousa Neto, Roldão, entre outros.

Durante as entrevistas, foi solicitado aos alunos e professores que descrevessem um professor ou professora “nota dez”. A questão foi assim formulada com o objetivo de facilitar a compreensão dos alunos, de modo que não tivessem dúvidas quanto ao que queríamos saber, ajudando-os a pensar em um bom professor e no que ele faz e sabe.

Para a filmagem, sugerimos aos alunos que representassem os professores que gostariam de ser. Cada aluno escolheu um nome fictício para si e a matéria que gostaria de lecionar. A escolha pela filmagem baseou-se em Bauer e Gaskell (2008) que destacam os materiais sonoros e imagens como outras formas de texto e sua importância como fonte de dados. Durante a entrevista que simulava um programa televisivo, as crianças foram convidadas a responder perguntas como: “Para você, o que é ser professor?”; “Descreva um professor ou professora nota dez”; “Como seria a escola dos seus sonhos?” e “Que recado você daria aos professores que estão assistindo ao nosso programa?”, dentre outras.

Quanto aos desenhos, foi pedido aos alunos que representassem “uma aula muito legal”, objetivando conhecer assuntos lecionados e práticas pedagógicas no contexto de sala de aula. Foi explicado aos alunos que poderiam desenhar a aula que mais gostassem. À medida que os alunos entregavam os desenhos, pedíamos que explicassem o que haviam retratado.

Com os professores, as entrevistas foram individuais e, além da questão central, foram elaboradas outras, utilizando uma linguagem mais acadêmica.

Todas as gravações (entrevistas individuais e filmagem da simulação do programa televisivo) foram transcritas. Também foi utilizado um caderno de campo para registro das ocorrências e das ideias que surgiram durante a coleta dos dados.

Os dados foram organizados para análise em função dos focos principais da pesquisa, que eram o papel do professor, características de bons professores e práticas pedagógicas.

## **REFERENCIAIS TEÓRICOS E RESULTADOS INTERCRUZAM-SE**

Nos dias de hoje, poucas são as pessoas que não passaram pela escola e que não tenham, portanto, uma noção, ainda que intuitiva, do que é ser professor e ensinar. O aumento da escolaridade em todos os países do mundo contemporâneo indica que a sociedade ainda precisa da escola e que, possivelmente, ela vai permanecer, ainda que se revista de outro papel e tenha outras características. Isso significa que nós, professores, temos um papel influente e importante nos destinos das nações, embora não sejamos diretamente responsáveis por eles.

Ao discutir se o fazer docente constitui um ofício ou profissão, Sousa Neto (2005) afirma que as profissões não se instituem de forma isolada, mas no âmbito de uma sociedade, adquirindo regras e normas próprias em um tempo e contexto social e apenas permanecem “ativas” se a sociedade delas necessita, caso contrário, desaparecem, como muitas já o fizeram. Para ele, em certo sentido, a profissão confunde-se com um ofício, visto que o ofício

é antes de tudo um dever e exige uma certa disciplina, uma dose de trabalho, ao ponto de se esperar que o profissional seja melhor que o amador, porque não faz apenas uma vez ou outra, quando deseja ou quando lhe convém. Por ofício, temos a obrigação de fazer o melhor que pudermos aquilo que nos identifica como profissional em uma determinada área. (SOUSA NETO, 2005, p. 254).

Os ofícios, como não pode deixar de ser, precisam ser exercidos em lugares apropriados, nos quais se encontram os artefatos, a matéria-prima e as ferramentas necessárias para a tarefa, além dos “espaços em que o corpo se flexionará assumindo várias formas para o uso da força e da delicadeza em diferentes medidas” (SOUZA NETO, 2005, p. 250).

Então, para professores, o ofício exerce-se em uma escola, por pessoas (supostamente) qualificadas para exercê-lo, que tenham sido formadas em cursos de longa duração, que tenham um estatuto social reconhecido. Essas pessoas precisam ser aceitas pela sociedade como um grupo que tem características próprias, diferenciadas de outras profissões e que, por isso, reservam para si um espaço próprio de atuação e, portanto, apresentam algumas características de uma profissão. Assim, a docência caracteriza-se, ao mesmo tempo, como ofício e profissão.

Sousa Neto questiona sobre o papel social dessa profissão:

é ensinar aos outros aquilo que eles ainda não sabem, ou ainda não sabem que sabem, ou apenas sabem de modo assistemático ou que temos de aprender com eles o que sabem? Ou, [...] educar os outros para serem, saberem e fazerem de maneira universal na diversidade certos procedimentos comuns a toda a humanidade? (2005, p. 255).

Roldão (2007, p. 94), ao abordar a tarefa dos professores no decorrer do tempo, afirma que “o caracterizador distintivo do docente, relativamente permanente ao longo do tempo, embora contextualizado de diferentes formas, é a acção de ensinar”. Mas também o ensinar, no correr do tempo, teve sentidos diferentes, que podiam ser o de “professar um saber” ou o de “fazer outros se apropriarem de um saber”, “fazer aprender alguma coisa a alguém” (ROLDÃO, 2005a apud ROLDÃO 2007, p. 94). Para ela, nas sociedades atuais,

A função de *ensinar* [...] é antes caracterizada [...] pela figura da *dupla transitividade* e pelo lugar de *mediação*. *Ensinar* configura-se assim, nesta leitura, essencialmente como a especialidade de *fazer aprender alguma coisa* (a que chamamos *currículo*, seja de que natureza for aquilo que se quer ver aprendido) a *alguém* (o acto de ensinar só se actualiza nesta segunda transitividade corporizada no destinatário da acção, sob pena de ser inexistente ou gratuita a alegada acção de ensinar). (Roldão, 2005b apud Roldão, 2007, p. 95; grifos no original).

Em síntese, ser professor é ensinar alguma coisa socialmente valorizada a alguém que precise desse conhecimento para desenvolver-se mais plenamente e participar ativamente na sociedade. De modo geral, o ensinar ocorre na escola, por meio de professores formados para o exercício desse ofício/profissão.

Os alunos participantes da pesquisa têm opiniões que vão ao encontro, ao menos no aspecto geral, do que dizem esses teóricos. Na visão dos alunos, ser professor é ensinar: o professor é “alguém que ensina”. Eles veem o professor como alguém que estudou bastante, que trabalha muito, ganha mal, se preocupa com os alunos e pode contribuir para que

eles tenham um futuro melhor; o trabalho docente é algo que exige muita responsabilidade e muita paciência.

Os alunos reconheceram, de certo modo, que muitos professores são desrespeitados no exercício de suas atividades. Os problemas apontados por eles, de forma direta e indireta, que ocorreram na sala de aula foram: indisciplina, falta de respeito para com os professores (muita conversa por parte dos alunos e necessidade de um professor auxiliar) e desgaste físico e emocional dos professores, que precisam parar de ensinar para chamar a atenção. Segundo os alunos, “a parte chata [de ser professor] é que eles [os alunos] conversam, porque dá dor de cabeça”; e “nenhum professor merece uma escola em que todo mundo conversa, todo mundo fica bagunçando”. Eles consideraram, ainda, que os professores precisam ter responsabilidade e estudar muito: “[ser professor] é ter muita responsabilidade”; “[para ser um bom professor é preciso] estudar bastante, ter muita responsabilidade e também tem que ter muita paciência com os alunos”; “fazer faculdade”.

Quando os alunos desenharam “uma aula muito legal”, percebemos que as aulas de que mais gostavam eram aquelas nas quais os professores propunham atividades em que os estudantes eram ativos, tinham envolvimento. Assim, a imagem de ensinar torna-se mais complexa, pois exige envolver os estudantes e ajudá-los a aprender. Ou seja, os professores precisam, não apenas conhecer os conteúdos a serem ensinados, como maneiras de fazê-lo, associando esses dois saberes em prática efetiva, tal como indica Shulman (apud MIZUKAMI, 2004), quando delinea a base de conhecimento para o ensino: conhecimento do conteúdo específico, conhecimento do conteúdo pedagógico, conhecimento pedagógico do conteúdo, entre outros.

Devemos ter em conta que estas imagens de professor são construções sociais e, portanto, sofrem influência direta do contexto em que são elaboradas, como já disse Arroyo (2010). Assim, as imagens de professor, no Brasil, podem ser diferentes das imagens de professor em outros países. Elas podem até variar de região para região dentro do território brasileiro: é possível que a imagem de professor no Nordeste seja bem diferente da imagem de professor na região Sudeste, por exemplo. Nesse sentido, a visão de professor construída pelos alunos inclui características sociais (a desvalorização do magistério e a valorização da escola como lugar de construção do futuro), pessoais (paciência, ajuda) e profissionais (responsabilidade, ensino, estudo).

Para os professores, “ser professor é exercer diversos papéis”; uma missão, doação pessoal, amor pelos alunos e pela profissão foram aspectos ressaltados por eles. Percebemos que os professores, ao contrário dos alunos, não incluíram o ensino como um de seus papéis; voltaram-se mais para aspectos ligados a valores e sentimentos. Nesse ponto, os alunos parecem saber mais o que é ser professor do que os próprios professores.

Não negamos que a função da escola e o papel dos professores tenham mudado no decorrer do tempo. Com o advento das tecnologias de informação, que colocou novas exigências para a inserção na sociedade e no mercado de trabalho, o sistema educacional expandiu-se e as escolas passaram a acumular inúmeras tarefas que, embora importantes, não faziam parte (e talvez nem devessem fazer) de suas responsabilidades. Embora sejam

exigidas dos professores ações para as quais não foram formados diretamente, algumas lhes são inerentes, como a de ensinar a todos os seus alunos (NÓVOA, 2007). Como diz Nóvoa (2007), embora a escola hoje esteja “transbordante”, a função de ensinar é a única que lhe é precípua, a qual não pode abandonar.

Talvez o posicionamento dos professores participantes da pesquisa seja resultado de mudanças nos objetivos, projetos e programas que invadiram o setor educacional brasileiro nos últimos anos, a maioria deles de uma transitoriedade que beira a permanência e o desestímulo ao ensino, mas isso não foi investigado. Carissimi e Trojan (2011), em estudo sobre os professores e suas condições de trabalho, apontam que são desestimulantes para o exercício docente: o salário, o número de horas trabalhadas, a estrutura das escolas e a ineficiência dos programas de formação inicial e continuada, entre outros aspectos. Reportam-se ao Relatório Delors (2001) para indicar o que poderia ser feito:

É preciso mais empenho em manter a motivação dos professores em situações difíceis e, para conservar no ensino os bons professores, oferecer-lhes condições de trabalho satisfatórias e remuneração comparável à das outras categorias de emprego que exigem um nível de formação equivalente. (UNESCO, 2001 apud CARISSIMI; TROJAN, 2011, p.6 3).

Enfim, embora exista essa realidade, há professores que continuam a exercer bem seu papel e outros, nem tanto. A sociedade, entretanto, muitas vezes não consegue perceber que ensinar deveria ser a principal função da escola. Considerando as características apontadas como inerentes aos professores, fica a questão: o que faz um professor que ensina bem?

A literatura descreve inúmeras características do que se entende por um professor eficaz ou competente, ou bom professor, bem-sucedido, qualquer que seja o adjetivo escolhido para nomeá-los. As palavras são diversas, mas a ideia básica não difere muito. Algumas das características dizem respeito aos conhecimentos e valores que os professores devem possuir e transmitir aos alunos. A elas agregam-se o conhecimento de métodos de ensino adequados ao desenvolvimento dos conteúdos; capacidade de comunicação que permita bom relacionamento com alunos, pais, colegas de profissão; domínio de técnicas relacionadas ao uso das tecnologias; competência para investigar e refletir sobre a própria prática (VAILLANT, 2007).

Para Darling-Hammond e Baratz-Snowden (2007), bons professores conseguem envolver os alunos em atividades de aprendizagem variadas; têm e explicitam suas expectativas (positivas) sobre a aprendizagem deles e a qualidade (alta) dos trabalhos a serem realizados; dão *feedback* constante e revisam seus trabalhos continuamente para que possam atingir os parâmetros desejados.

Garcia (1999, p. 23) afirma que “têm sido utilizadas muitas [outras] imagens para caracterizar o professor: como pessoa, colega, companheiro, facilitador da aprendizagem, investigador, sujeito que desenvolve o currículo [...] sujeito reflexivo e inovador”. Mas também como “eficaz, competente, técnico, pessoa, profissional, sujeito que toma decisões, investigador, sujeito que reflete etc.” (GARCIA, 1999, p. 30). Segundo ele, estas imagens

variam de acordo com as diferentes concepções de professor e influenciam os conteúdos e estratégias usados nos cursos de formação.

Ao discorrer sobre o ofício do professor, Arroyo (2010) ressalta que os traços de personalidade dos mestres são incorporados à imagem que temos da docência. Segundo ele,

assim falávamos quando alunos, e assim falam de nós: “*ela é uma ótima professora*”, “*ele não é um professor legal*”. Esse “ele é” ou “ela é” presente nestas frases não se refere a apenas se o mestre ensina bem, bons conteúdos, com bons métodos, mas o que ele é como pessoa, como gente, se ele escuta, se ele se dedica, é amigo (a), paciente, legal... É professor (a). Aprendeu a ser. (ARROYO, 2010, p. 125; grifos no original).

Tornar-se um bom professor implica compreender os conteúdos específicos de modo que os alunos possam estabelecer pontes que permitam expandir suas ideias e conhecimentos, relacionando-os com diferentes campos do saber e também com a vida cotidiana. É o conhecimento aprofundado do conteúdo específico que permite ao professor representar os temas a serem estudados, de modo que seus alunos os compreendam e deles se apropriem (SHULMAN, 1987).

Algumas das características de bons professores descritas acima puderam ser percebidas nos desenhos dos alunos que representaram “uma aula muito legal”. Foram retratadas aulas de Matemática, Inglês, Geografia, Ciências, Língua Portuguesa, Educação Física e Libras, e diversas atividades nelas realizadas. As aulas que chamaram a atenção dos alunos e foram objeto de representação, de modo geral, tinham as crianças como protagonistas, agindo de alguma maneira, e não apenas copiando algo da lousa ou ouvindo o professor. Nessas aulas eles ouviam música, trabalhavam em grupo, jogavam, manipulavam objetos, desenhavam, faziam dobraduras etc. Em todos os desenhos, os alunos estavam envolvidos em atividades variadas.

A figura da professora sorridente apareceu em 71,4% dos desenhos. De modo geral, os desenhos sugeriam que os alunos sentiam-se acolhidos e alegres nestas aulas, participando delas ativamente, embora o professor sempre fosse a figura mais alta do desenho, uma figura que se dirigia aos alunos e parecia falar com eles. Ou seja, os desenhos revelaram relações amigáveis entre alunos e professores; estes ensinavam algo (o que não foi revelado pelos professores), com estratégias variadas e de agrado dos alunos.

Nas entrevistas, os alunos também revelaram traços da prática de professores “nota dez”, especialmente as da professora responsável pela turma, como podemos verificar nos seguintes depoimentos: “A professora (Professora 6), ela explica direitinho, ela explica mesmo que você não entende, até você entender” (Aluno 1); “Quando um aluno não entende ela explica de novo. Quando um aluno faz coisa errada, ela vai e corrige ele” (Aluno 2); “Ela é legal, não briga com a gente, passa lição e quer que a gente entenda” (Aluno 3); “Ela ensina bem, explica bem os trabalhos, as provas... ela fala o que tem que fazer” (Aluno 4).

Assim, complementando os desenhos, as entrevistas revelaram uma prática de atenção ao aprendizado, de *feedback* ao desempenho dos alunos, de retomada dos tópicos não com-

preendidos, ainda que a prática pudesse ser descrita, prioritariamente, como de explicação e repetição do que havia sido dito em uma primeira vez. Esses dados apontam, novamente, que o bom professor ensina e dedica-se ao aprendizado de seus alunos.

Com relação à filmagem, 66,7% dos alunos escolheram representar professores que admiravam, ressaltando as dimensões cognitivas do processo ensino-aprendizagem. Algumas falas dos estudantes nesse sentido foram: “[ser professor] é muito bom [porque] ensina os alunos”; “é muito importante para garantir o futuro dos alunos”.

Em resumo, as principais características ou ações de um professor “nota dez”, na visão dos alunos, foram: explicar bem a matéria, não brigar, ensinar com brincadeiras e ser legal (esta última expressão foi explicitada por eles como “deixar fazer várias coisas”, “deixar conversar”, “emprestar livros” etc.). Ao descreverem esse bom professor, os alunos também destacaram o modo como eles ensinam: explicam a matéria, ensinam de modo divertido, “passam lição”, ensinam muitas coisas e corrigem os alunos. Destacamos a opinião de duas alunas. Para uma delas, um professor ou professora “nota dez” “quer que a gente entende (sic)”; para a outra, o professor “nota dez” é alguém que estimula e elogia o aluno, como um que lhe disse querer se orgulhar dela no futuro.

Para os professores, um professor bem-sucedido, um bom professor, é aquele que: “*consegue transmitir o conteúdo* [grifo nosso], que os alunos respeitam, que domina a sala, de quem os alunos gostam” (Professora 1); “escuta os alunos, interage, escolhe bons livros, bons textos, boas atividades” (Professora 2); “é ponderado, maleável, não leva [as coisas] a ferro e fogo, tem jogo de cintura” (Professora 3); “contribuí, tá (sic) sempre aberto à crítica, vai à luta, luta por seus alunos... é firme e ao mesmo tempo é um amigo” (Professora 4); “não desiste, continua acreditando, lutando, apesar de tudo” (Professora 5).

De acordo com a Professora 6, um professor bem-sucedido é aquele que “*sabe formar ou transformar seja por meio das letras, dos números, das artes, da história...* [grifo nosso] Enfim, é aquele que, mesmo conhecendo as limitações, acredita que é possível e que aquele aluno é capaz e dá as condições para que a aprendizagem aconteça”.

O Professor 7, único homem do grupo, assim se coloca:

É o professor que planeja as aulas, acompanha os alunos dentro e fora da escola, tem contato com a família. Nunca vamos chegar a ser um professor nota dez porque não temos como nos aproximar mais. O número de alunos por turma é muito grande, dificulta bastante o trabalho. (Professor 7).

Destacamos que apenas dois professores mencionaram os conhecimentos curriculares como características do bom professor; um deles, destacando sua transmissão (Professor 1), e outro, o objetivo formativo mais amplo possibilitado pelos conteúdos escolares (Professora 6). As demais características relacionaram-se aos conhecimentos dos conteúdos pedagógicos e dos alunos (SHULMAN, 1986), essenciais para fazer a tradução dos conhecimentos curriculares em aprendizagem de alunos.

As estratégias utilizadas pelos professores para que seus alunos aprendessem mais, de acordo com seus relatos nas entrevistas, são: diversificar as atividades, trabalhar com

temas, teatro, música, histórias, trabalho em grupo, aulas expositivas, debates, oficinas, relatórios, pesquisa de campo, atividades manuais, como desenhos, dobraduras etc. Os docentes também afirmaram que elogiar o desempenho dos alunos, valorizar o trabalho deles, pedir que os ajudem, dar liberdade (para sentar junto com o colega, para conversar depois de terminada a atividade), permitir que aprendam com os erros, respeitá-los, conversar com eles e manter a calma são ações que produzem bons resultados, melhorando a aprendizagem e as relações professor-aluno em sala de aula.

É interessante perceber que, ao falarem do bom professor, os professores entrevistados apontaram práticas diversificadas, que vão ao encontro do que revelaram os alunos. Consideramos que utilizar todas as estratégias mencionadas pode ser um indicador de que os professores têm conhecimento pedagógico do conteúdo (SHULMAN, 1986). É interessante, também, a diferença de opiniões entre as manifestações dos professores com relação a ser professor e ser *bom* professor.

Resumindo, na visão dos professores e dos alunos, um bom professor é aquele que transmite o conteúdo, interage com os alunos, planeja as aulas, sabe formar e transformar, acredita que é possível mudar a realidade das crianças, é ponderado, luta pelos alunos, conhece o assunto que ensina, desenvolve estratégias estimulantes, incentiva os alunos. As respostas desse grupo de participantes parecem exemplificar a complexidade e a abrangência do trabalho docente e reafirmar a necessidade dos conhecimentos que constituem a base do ensino, de acordo com Shulman (1986).

Os dados até o momento apresentados sobre características de bons professores vão ao encontro do que disseram alguns autores escolhidos para sustentar a pesquisa: conhecem formas diferentes de ensinar, comunicam-se bem com os alunos, envolvem os alunos nas atividades, promovem *feedback*, escutam os alunos, dedicam-se à sua aprendizagem, são pacientes, legais (VAILLANT, 2007; DARLING-HAMMOND; BARATZ-SNOWDEN, 2007; ARROYO, 2010). As características apontadas por Garcia (1999) talvez pudessem ser percebidas por alunos de outras etapas da escolaridade: eficaz, competente, investigador, alguém que toma decisões, que reflete...

Da mesma forma como os alunos conhecem seus professores e fazem suposições sobre o que eles sabem e fazem, os professores precisam ter conhecimentos sobre os alunos e suas características, ou seja, sobre como eles pensam e se comportam (SHULMAN, 2005), bem como o que eles sabem e pensam e quais são seus contextos, pois suas aprendizagens dependem tanto de seus conhecimentos como de suas experiências prévias, sejam elas escolares ou não. Em suma, para ajudar seus alunos a aprender, os professores devem ser capazes de dirigir-lhes perguntas e escutar suas respostas, de ser sensíveis às suas experiências de vida, de escutar suas perguntas e respondê-las da melhor forma possível. Essas atitudes auxiliam o professor a construir o conhecimento pedagógico do aprendiz (TANCREDI; REALI; MIZUKAMI, 2005). O professor precisa, então, investir em modos de conhecer a realidade, conhecer melhor os alunos, analisar seus conceitos sobre escola, professor, ensino, aprendizagem, entre outros. Precisa, como diz Schön

(1987, p. 4), “selecionar alguns aspectos [da realidade], organizá-los e, a partir de uma avaliação, dar-lhes coerência e estabelecer uma direção para a sua ação”.

Por esse rápido panorama, percebemos que o bom ensino é uma tarefa complexa que precisa ser, na verdade, individualizada pelos professores para cada um de seus alunos, embora, em classe, trabalhem no coletivo. Fazer tais reorganizações no conhecimento do conteúdo específico e no conteúdo pedagógico, dois elementos da base de conhecimento para o ensino dos professores propostos por Shulman (1986; 1987), não é tarefa fácil, mesmo porque, é necessário transformar esse conhecimento – e os demais que a eles se agregam – em ensino efetivo. Ao contrário, é extremamente difícil, e talvez seja por isso que Wilson, Richert e Shulman (1987) tenham escrito um texto indicando que um professor precisa aprender a ensinar um conteúdo de 150 maneiras diferentes.

Assim, juntos, os conhecimentos acadêmicos e os provenientes de outras fontes (vida pessoal e social, cultura etc.) constituem uma base que subsidia as ações docentes. Por esse motivo, ter clareza dos próprios pensamentos sobre o que faz e o que pensa um professor pode ajudar os professores a melhorarem sua atuação. Conhecer também a opinião dos alunos sobre si e seu trabalho pode dar novo estímulo aos professores, incentivando-os a permanecer na carreira e a renovar suas práticas. Enfim, esse poderia ser um caminho a ser construído pelas escolas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Professores e alunos identificaram aspectos tanto cognitivos quanto socioafetivos na atuação profissional de bons professores. Os alunos enfatizaram o fazer docente (“ensinar” e diversificar o ensino), mas também destacaram a importância do saber (“é preciso estudar bastante para ser professor”); os professores enfatizaram o ser, o gostar, a doação pessoal, embora também tenham mencionado o saber fazer, de maneira explícita (saber atuar; saber formar; fazer o que sabe – embora nem sempre “fazer o que sabe” leve seus alunos à aprendizagem e possa indicar acomodação ao próprio saber fazer) e implícita (contribuir, interagir, orientar, mudar a realidade das crianças etc.).

Entre os vários conhecimentos construídos no decorrer da pesquisa, destacamos um que consideramos fundamental: retratando a realidade nos desenhos, nas entrevistas e na filmagem, os alunos recolocaram o ensino como o centro da atividade docente, enfatizando que um professor precisa estudar, assumir sua responsabilidade com a aprendizagem e também ser amoroso, atencioso e dedicado, aliando conhecimento e aspectos socioafetivos.

Para praticamente todos os participantes, ser professor é estar diante de inúmeros desafios. De modo geral, entre eles parece existir a ideia de que os professores não têm o direito de desistir, nem de fraquejar. Professores precisam fazer um enorme esforço pessoal para vencer as dificuldades e fazer com que seu trabalho dê certo, apesar dos baixos salários e das difíceis condições de trabalho, do excesso de alunos em sala de aula, da falta de material pedagógico etc. Esta imagem de professor que não desiste incorpora-se a outras

imagens abordadas por Arroyo (2010, p. 35): “Somos a imagem que nos legaram, socialmente construída e politicamente explorada [...]. Reconhecer esses traços para redefini-los em outros valores e outra cultura é um ponto de partida”.

A pesquisa mostrou que o questionamento dos alunos sobre o que é ser professor e o que é ser um bom professor pode revelar estratégias usadas pelos docentes para fazer seu trabalho e quais resultados de aprendizagem têm alcançado. Podem, também, ajudar a refletir sobre a função social da escola e os significados que ela tem para os alunos, além de sugerir estratégias para que a escola torne-se um local de aprendizagem para os professores que nela atuam, ajudando-os a elevar sua autoestima e a assumir claramente seu papel de ensinar.

Diante dos desafios enfrentados pelos professores do ensino fundamental no cotidiano escolar, faz-se necessário desenvolver outras pesquisas que possam de alguma forma contribuir para que estes profissionais sejam mais bem preparados e mais valorizados. Estudiosos da área educacional têm dado preciosas contribuições neste sentido. Contudo, conhecer as visões dos alunos de seu próprio local de trabalho pode ajudar os professores a distanciarem-se dos discursos prontos que, muitas vezes, refletem relações de poder e opiniões negativas sobre a escola, os professores e seus papéis. Percebemos que os alunos, diretamente beneficiados pelo trabalho de qualidade de grande parte dos professores, têm algo a dizer e a ensinar, e isso pode ser melhor aproveitado.

Podemos inferir, finalmente, que os professores podem ampliar sua base de conhecimento para o ensino a partir das visões dos alunos sobre seu trabalho, pois, sabendo o que pensam os alunos sobre si e suas aulas, aprofundam seu próprio conhecimento sobre os alunos e sobre a docência, reconstruindo e ampliando seu conhecimento pedagógico.

Enceramos o texto com uma colocação de Sousa Neto (2005), que consideramos oportuna para deixar nosso incentivo aos professores que labutam nas escolas de ensino fundamental:

Aos que optaram por ser e/ou continuar professores por prazer, a vida na profissão é uma celebração diária, pessoal e coletiva, que transforma cada ato, mesmo nos dias mais difíceis, em uma reafirmação da escolha feita em certa altura da existência. E é essa mesma opção que leva os professores às ruas, que engravida as greves, que educa no sentido lato a sociedade por dentro e por fora da escola. (SOUSA NETO, 2005, p. 258-259).

## REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G. **Ofício de mestre**. Imagens e autoimagens. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (editores). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Um manual prático. 7.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CARISSIMI, A. C. V.; TROJAN, R. M. A valorização do professor no Brasil no contexto das tendências globais. **Jornal de Políticas Educacionais**, n. 10, p. 57-69, 2011.

DARLING-HAMMOND, L.; BARATZ-SNOWDEN, J. A good teacher in every classroom: Preparing the highly qualified teachers our children deserve. **Educational Horizons**, v. 85, n. 2, p.111-132, 2007.

GARCIA, C. M. **Formação de professores para uma mudança educativa**. Portugal: Porto, 1999. (Coleção Ciências da Educação Século XXI).

MIZUKAMI, M. G. N. Aprendizagem da docência: algumas contribuições de L. S. Shulman. **Revista Educação**, v. 29, n. 2, 2004. Disponível em: <<http://coralx.ufsm.br/revce/index.htm>>. Acesso em: 10 ago. 2012.

NÓVOA, A. **Nada substitui o bom professor**. 2007. Disponível em: <[http://www.sinprosp.org.br/arquivos/novoa/livreto\\_novoa.pdf](http://www.sinprosp.org.br/arquivos/novoa/livreto_novoa.pdf)>. Acesso em: ago. 2009. (Palestra realizada no Sindicato dos Professores de São Paulo em janeiro de 2007).

ROLDÃO, M. do C. Profissionalidade docente em análise: especificidades dos ensinos superior e não superior. **Revista Nuances**, ano 11, n. 13, p. 108-126, jan-dez. 2005a.

ROLDÃO, M. do C. Formação de professores, construção do saber profissional e cultura da profissionalização: que triangulação? In: ALONSO, L.; ROLDÃO, M. C. (Orgs.). **Ser professor de 1º ciclo: construindo a profissão**. Braga: Cesc/Almedina, 2005b. p. 13-26.

ROLDÃO, M. do C. Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 34, p. 94-103, 2007.

SCHÖN, D. **Educating the reflective practitioner: Toward a new design for teaching and learning in the professions**. San Francisco: Jossey-Bass, 1987.

SHULMAN, L. S. Those who understand: knowledge growth in teaching. **Educational Researcher**, v. 15, n. 2, p. 4-14, 1986.

SHULMAN, L. S. Knowledge and teaching: foundations of the new reform. **Harvard Educational Review**, v. 57, n. 1, p.1-22, 1987.

SHULMAN, L. S. Conocimiento y enseñanza: fundamentos de la nueva reforma. Knowledge and Teaching: Foundations of the New Reform. Profesorado. **Revista de Currículo y Formación del Profesorado**, v. 9, n. 2, 2005. Disponível em: <<http://www.ugr.es/~recfpro/rev92ART1.pdf>>. Acesso em: mai. 2006.

SOUSA NETO, M. F. de. O ofício, a oficina e a profissão: reflexões sobre o lugar social do professor. **Caderno Cedes**, v. 25, n. 66, p. 249-259, 2005.

TANCREDI, R. M. S. P.; REALI, A. M. M. R.; MIZUKAMI, M. G. N. **Programa de mentoria para professores das séries iniciais: implementando e avaliando um contínuo de aprendizagem docente**. São Carlos: UFSCar, 2005. (Relatório de pesquisa).

VAILLANT, D. La identidad docente. In: CONGRESO INTERNACIONAL NUEVAS TENDENCIAS EN LA FORMACIÓN PERMANENTE DEL PROFESORADO, 1., 2007, Barcelona. **Anales...** Barcelona: 2007. p. 1-15.

WILSON, S. M.; RICHERT, A.; SHULMAN, L. S. ‘150 different ways’ of knowing: Representations of knowledge in teaching. In: CALDERHEAD, J. (Ed.). **Exploring teacher thinking**. London: Cassell, 1987. p. 104-124.

Submetido em: 7-8-2014

Aceito em: 20- 1-2015